



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

O MEU, O SEU O NOSSO COTIDIANO EM PROSA CIENTÍFICA: A narrativa das professoras alfabetizadoras da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro.

André Luis de Abreu Oliveira

Professor alfabetizador da rede municipal de Nova Iguaçu, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Um passeio autobiográfico no qual as paisagens se constroem através do diálogo, tendo como pano de fundo as andarilhanças das professoras de alfabetização da Educação Básica de escolas públicas da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. O presente texto se propõe a um mergulho no cotidiano escolar, dialogando e aprendendo com ele. Consubstanciando os caminhos curriculares práticos da alfabetização. A metodologia é construída tendo como referência um marco autobiográfico, no qual por meio de conversas, incentivadas pelas pistas documentais, que repousam à espera de visitas sobre as artes dessas professoras, suas vivências, histórias e experiências. Logo, a tessitura deste trabalho se faz convocando diferentes vozes ao longo do tempo, que compartilham/compartilham também com a minha andarilhança, procurando alinhar o que é alfabetização e quais os caminhos nós, professores alfabetizadores, percorreremos e semeamos.

Palavras Chave: Currículo. Alfabetização. Desinvizibilização. Tática. Narrativa docente.

MINE, YOURS, OUR EVERYDAY LIFE IN SCIENTIFIC PROSE: The narrative of literacy teachers from Baixada Fluminense in Rio de Janeiro.

Summary

An autobiographical tour in which landscapes are constructed through dialogue, with as a backdrop the wanderings of literacy teachers in Basic Education at public schools in Baixada Fluminense in Rio de Janeiro. The dissertation proposes a dive into everyday school life, learning from it. Practical literacy curriculum paths substantiated. Built through conversations, encouraged by the documentary clues that they reported waiting for visits about the arts of these teachers, their experiences, stories and experiences. The fabric of this work is made by summoning different voices over time, who together/shared my journey, trying to observe what literacy is and what paths we, literacy teachers, follow and sow.

Keywords: Curriculum. Literacy. Desinvizibilization. Tactics. Teaching narrative.

MÍO, TUYO, NUESTRO COTIDIANO EN PROSA CIENTÍFICA: La narrativa de los alfabetizadores de la Baixada Fluminense de Río de Janeiro.

Resumen

Organização:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

Un recorrido autobiográfico en el que los paisajes se construyen a través del diálogo, teniendo como telón de fondo las andanzas de alfabetizadores de Educación Básica en escuelas públicas de la Baixada Fluminense de Río de Janeiro. La tesis propone una inmersión en la vida escolar cotidiana, aprendiendo de ella. Se fundamentan los itinerarios curriculares prácticos de alfabetización. Construido a través de conversaciones, alentado por las pistas documentales que reportaron a la espera de las visitas sobre las artes de estos maestros, sus vivencias, relatos y vivencias. El tejido de este trabajo se hace convocando a diferentes voces a lo largo del tiempo, que juntas/compartieron mi recorrido, tratando de observar qué es la alfabetización y qué caminos seguimos y sembramos nosotros, alfabetizadores.

Palabras clave: Plan de estudios. Literatura. Desviziabilización. Táctica. Narrativa docente.



Organização:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024



1- INTRODUÇÃO

O intuito propositivo que trago ao concretizar este trabalho em educação estimados leitores é personificar por escrito uma faceta particular do cotidiano escolar. As cores, cheiros, afetos e sabores deste espaço complexo e contraditório chamado escola básica, num recorte que a mim é extremamente caro: as classes de alfabetização.

Vejo a importância deste movimento, pois essa tessitura complexa, composta de diversas oitavas exibe uma alternativa epistemológica àquilo que vem sendo hierarquicamente imposto, uma vez que, conforme reflete Quijano (2014):

A dominação colonial europeia foi se constituindo o complexo cultural conhecido como a modernidade-razão, que se estabeleceu como um paradigma universal do conhecimento e da relação entre humanidade e o resto do mundo. (QUIJANO, 2014, p.67)

Entendo e percebo inicialmente que essa dominação impregna não apenas os documentos que regem a educação, como as políticas, voltando à escola para questões mercadológicas. Essa colonialidade do saber, denunciada por Quijano, ainda que fortemente, regula propostas, políticas e projetos pedagógicos, deposito minhas esperanças não ser de fato a única possibilidade de ser e se fazer escola. Considero este um fundamental exercício, pois como fala Oliveira (2007):

Continuamos a estudar pouco ou sob ângulos excessivamente restritos os modos de aprendizagem que geram as leituras que fazemos do mundo à nossa volta e tentando, sem as informações necessárias, entender questões relacionadas ao processo de ensino/aprendizagem com a escola. (OLIVEIRA, 2007 p. 48).

Ao mergulhar na escola, em especial nas classes de alfabetização, a procura aqui apresentada é compreender como são construídos e, portanto, caracterizados os saberes e fazeres docentes, aos quais chamo de *alfadocentes*, haja vista a indissociabilidade dos conceitos.

Aposto assim na aproximação, no aplauso da primeira fila para admiração deste bailado, procurando entender as miudezas e táticas das práticas alfabetizadoras em contrastes as políticas de silenciamento de nossas autorias.

2- OBJETIVOS

Tomados como bases os sinais ordinários do cotidiano escolar, muitas vezes diminutos, ou melhor: pormenorizados, se corporizam neste texto as táticas que compõe as pequenas rebeldias dessa epistemologia nossa. Ora concordando, ora não, mas sempre no mesmo pagode. Numa



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

contradança onde o similar e o diverso se unem numa perspectiva onde alfabetizar é uma arte possível, os caminhos se tornam mais fecundos quando compartilhados. Portanto, escreve-mo-nos.

Nesse *espaçotempo* (Oliveira, 2007) de criação desse nosso nós compartilhado que a escola cria possibilidades de ir além daquilo que a hegemonia insiste em ditar numa espécie de curriculania - uma vilania de currículo escolar ditatorial pensado para e não *praticadopensado* (Oliveira, 2012).

Uma intrincada forma de perceber o quanto o cotidiano se traça forte e unido para muito além das expectativas coloniais tão maciças na estruturação do modelo educacional brasileiro. Pois novamente concordando com o pensamento de Alves, Ferraço e Gomes (2019):

Afirmar a potência dos cotidianos como espaçotempos de resistência e de criação frente às agendas de liquidação do social presentes no Brasil e no mundo, aliadas que estão às políticas de transcendência opressora e de diminuição da vida, que incluem os mecanismos de normalização, controle, servidão e de tentativa de anulação da diferença que se alojam nos organismos-instituições e que se fazem cada vez mais avassaladoras nas escolas, não se tornando totalitárias exatamente por conta das práticas cotidianas que reinventam a vida. Parte de problematizações iniciais dando especial atenção aos acontecimentos que insurgem em meio às tessituras dos conhecimentos significações, cujas temporalidades nos forçam a pensar na potência da multiplicidade e da diferença presentes nos processos cotidianos de criação e de resistência, que emergem em meio aos currículos tecidos em redes e que necessitam ser assumidos fora das lógicas identitárias, de reconhecimento e de representatividade (ALVES; FERRAÇO; GOMES, 2019, p. 1029).

Assim como objetivo geral deste trabalho buscamos desenhar e, por conseguinte polinizar ideias sobre as práticas curriculares no que tange à alfabetização. Entender como estas artesanias são concebidas e desenvolvidas dentro de uma escola de educação básica da baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Refletindo se a relação *praticateoriapratica* é exercida em oposição aos desmandos curriculares ditatoriais.

3- METODOLOGIA

Aqui, friso um pouco do muito que torna esses escritos uma arte científica. O aspecto que serve de guia e maior motivação neste sentido, conforme brilhantemente indica Kilomba (2008) tem relação com o levantar de nossa voz. Revela-se na tomada da caneta da autoria escrita de nossas histórias, lutas e práticas:

Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/ escritor "validada/o" e "legitimada/o" e ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora erroneamente ou sequer fora nomeada (KILOMBA; 2008 p. 28).

Organização:



Apoio:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

**"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com
outros mundos possíveis"**

Educar é um ato político. Como tal, sempre fará a casa grande tremer enquanto possibilidade libertadora. Por isso esvaziar o coração do professor regente da educação básica, é tão importante conforme a célebre frase de Darcy Ribeiro: A crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto. Numa contradição, escrevemos com os cotidianos escolares. Ferraço (2007), por sua vez, estabelece que:

O cotidiano exige dos pesquisadores em educação outras possibilidades teórico-metodológicas, diferentes daquelas herdadas da modernidade, para superar o aprisionamento do cotidiano em categorias prévias e assegurar a impossibilidade de usarmos o singular para tratar da diversidade que se manifesta na vida (FERRAÇO, 2007, p.73).

Tornar nossos discursos frágeis, qualificar nosso trabalho como algo de insucesso, é fundamental para a manutenção de uma sociedade tal como temos hoje, hierárquica, meritocrática, branca, classista, hegemônica, patriarcal, colonial, homofóbica; enfim ocidentalizada por propaganda mercantil. E, uma gênese diferente de composição de pesquisa científica procura superar esse padrão.

Trazer esse nosso caminhar narrado em destaque é atender a convocatória de Regina Leite Garcia fazendo ciência por um novo alvorecer. Todos, ao longo da jornada, vamos deixando marcas Garcia (2015); vamos fazendo história. Nesse transcurso, podemos modificar histórias e também ser modificados por elas.

(Re)viendo-se, analisando o chão da escola voltado para si mesmo, dialogando com o mundo. Assim poderemos perceber nossas nuances, fraquezas e potencialidades. Mas, toda essa feitura só se realiza quando estruturada numa tessitura contínua e conjunta. E esta por ser compartilhada, se torna única, valiosa e principalmente funcional a si mesma. Revelando lacunas nas enclausurantes muralhas hegemônicas. Trazendo possibilidades de vislumbrar se existem e como acontecem as potencialidades dos fenômenos vividos e estudados, revelando ainda a ressignificação dos espaços e construção de uma dimensão outra, anteriormente subalternizada.

Em consonância ao projeto intelectual, de Carolina Maria de Jesus, abordamos as narrativas em defesa de uma possibilidade de reinventarmos-nos e, portanto, de lutar por uma escola para criança - parafraseando-a, pois conforme afirmação da mesma que considerava sua "missão", ser uma poetisa em defesa do povo brasileiro, "aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre, é só eu. E faço isto em prol dos outros" (JESUS, 2018, p. 37).

Organização:



Apoio:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

É daí que nasce a urgência de se pesquisar narrativamente em educação neste trabalho, desde que pensado numa vocação contracolonial na qual uma proposta horizontal da formulação e construção dos conhecimentos e principalmente do modo interpretativo dos mesmos é vinda de fato, do espaço ao qual ela é exercida e preconizada conforme bem alinhado por Rabello (2011):

A análise narrativa insere-se nos campos de investigação educacional com grande força, por possibilitar a compreensão das práticas, motivações e escolhas que são amplamente calcadas na experiência humana. A escola, como instituição, está cheia de complexidade, tendo sua base construída no seio das instituições sociais, mas sendo composta por indivíduos que contribuem para a continuidade da mesma. É preciso entender as escolhas pessoais para poder compreender mais acerca da escola e da atividade educacional (RABELLO, 2011, p. 172).

As narrativas buscam evidenciar o desafio dos *praticantespensantes alfadocentes* sobre o fazer pedagógico cotidiano reflexivo. Aqueles que se consolidam não apenas nas experiências, mas que onde também se debatem as alternativas às dificuldades encontradas. E, portanto, toda essa articulação visa construir um fenômeno educacional contracolonial por essência, por mero ato revolucionário de existir.

Assim, uma busca pelos paradigmas indiciários da constituição ou não desta epistemologia de todo dia se faz necessário. Procurar os indícios que possibilitem enxergar uma realidade forçadamente opaca. Descobrir pistas para fomentar conversas. Assim construindo esse texto com base naquilo que se permitiu captar pelo ar, que aqui firmado, concretiza uma episteme nossa.

Uma vez que persegue não aquelas características e fatos mais gritantes do cotidiano, esse texto discorre sobre os sussurros e o murmúrio que somente quem faz parte desse mesmo cotidiano está apto a ouvir. Levanta assuntos e ideias para conversas em rede. Conforme Ginzburg (1990) orienta esse texto acontece atento em indícios às vezes imperceptíveis, em sintomas em signos pictóricos, em pormenores, em dados marginais, entendendo e reconhecendo a autoria dos sujeitos narrativos. Perseguindo os rastros não apenas documentais, mas vivos. Percebendo as guerras e festas que os *alfadocentes*, travam e partilham.

E essa movimentação é pensada numa estrutura de pesquisa narrativa procurando perceber no cotidiano escolar como as artesanias alfabetizadoras trilham caminhos exultantes contra o silenciamento imposto. Na forma manifestada por Baroni e Santos (2023) onde:

trajetórias, tecem práticas emancipatórias em prol de driblar a estrutura de marginalização, subalternização, segregação vigente na conjuntura brasileira atual. Para propor esse exercício, adotamos como caminho metodológico a pesquisa narrativa e afirmamos a singularidade presente nessa escolha. Viver uma situação é uma experiência singular. Contá-la oralmente é singular. Escrivê-la é singular. Ouvir a experiência de alguém é

Organização:



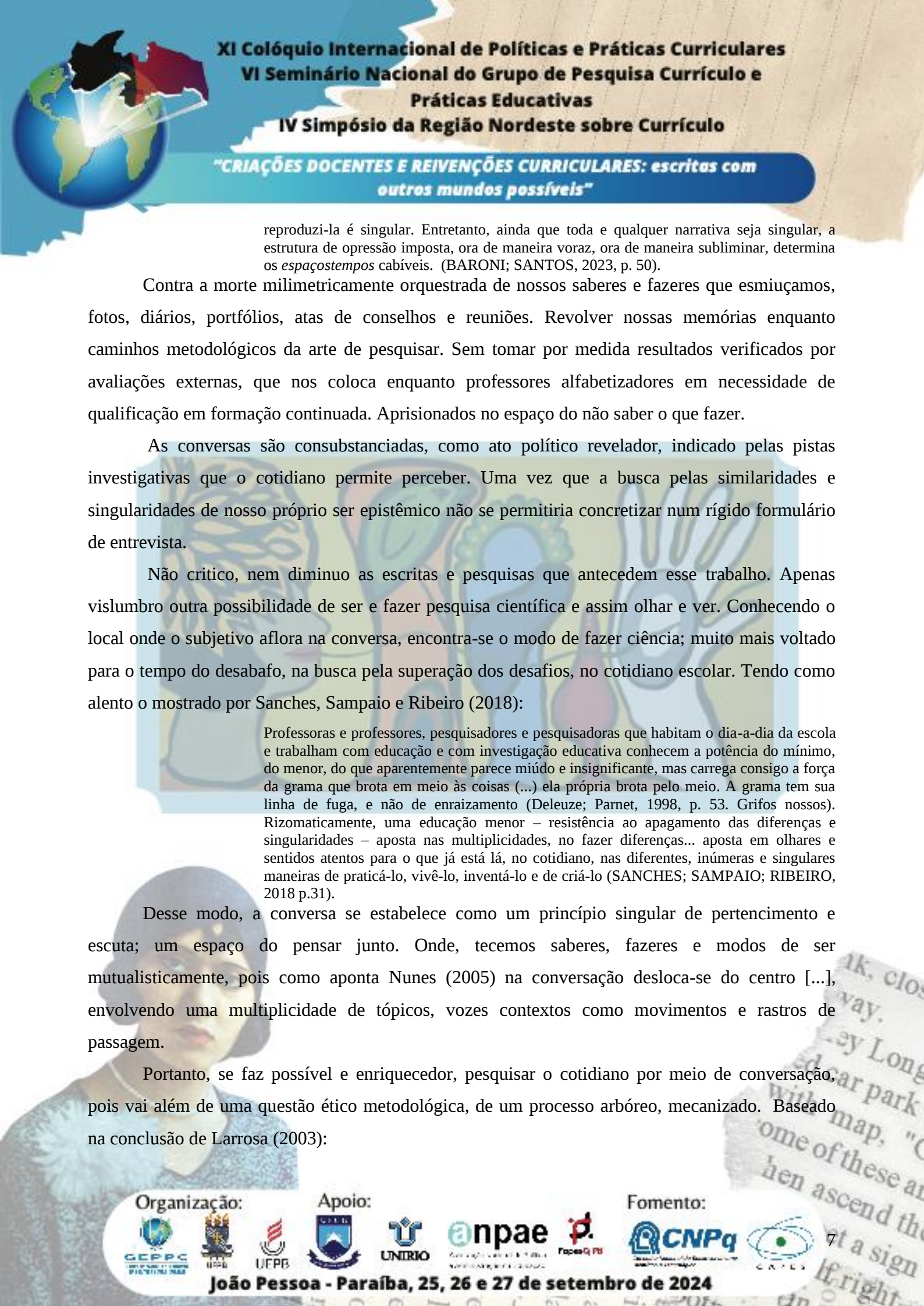
Apoio:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

reproduzi-la é singular. Entretanto, ainda que toda e qualquer narrativa seja singular, a estrutura de opressão imposta, ora de maneira voraz, ora de maneira subliminar, determina os *espaçostempos* cabíveis. (BARONI; SANTOS, 2023, p. 50).

Contra a morte milimetricamente orquestrada de nossos saberes e fazeres que esmiuçamos, fotos, diários, portfólios, atas de conselhos e reuniões. Revolver nossas memórias enquanto caminhos metodológicos da arte de pesquisar. Sem tomar por medida resultados verificados por avaliações externas, que nos coloca enquanto professores alfabetizadores em necessidade de qualificação em formação continuada. Aprisionados no espaço do não saber o que fazer.

As conversas são consubstanciadas, como ato político revelador, indicado pelas pistas investigativas que o cotidiano permite perceber. Uma vez que a busca pelas similaridades e singularidades de nosso próprio ser epistêmico não se permitiria concretizar num rígido formulário de entrevista.

Não critico, nem diminuo as escritas e pesquisas que antecedem esse trabalho. Apenas vislumbro outra possibilidade de ser e fazer pesquisa científica e assim olhar e ver. Conhecendo o local onde o subjetivo aflora na conversa, encontra-se o modo de fazer ciência; muito mais voltado para o tempo do desabafo, na busca pela superação dos desafios, no cotidiano escolar. Tendo como alento o mostrado por Sanches, Sampaio e Ribeiro (2018):

Professoras e professores, pesquisadores e pesquisadoras que habitam o dia-a-dia da escola e trabalham com educação e com investigação educativa conhecem a potência do mínimo, do menor, do que aparentemente parece miúdo e insignificante, mas carrega consigo a força da grama que brota em meio às coisas (...) ela própria brota pelo meio. A grama tem sua linha de fuga, e não de enraizamento (Deleuze; Parnet, 1998, p. 53. Grifos nossos). Rizomaticamente, uma educação menor – resistência ao apagamento das diferenças e singularidades – aposta nas multiplicidades, no fazer diferenças... aposta em olhares e sentidos atentos para o que já está lá, no cotidiano, nas diferentes, inúmeras e singulares maneiras de praticá-lo, vivê-lo, inventá-lo e de criá-lo (SANCHES; SAMPAIO; RIBEIRO, 2018 p.31).

Desse modo, a conversa se estabelece como um princípio singular de pertencimento e escuta; um espaço do pensar junto. Onde, tecemos saberes, fazeres e modos de ser mutualisticamente, pois como aponta Nunes (2005) na conversação desloca-se do centro [...], envolvendo uma multiplicidade de tópicos, vozes contextos como movimentos e rastros de passagem.

Portanto, se faz possível e enriquecedor, pesquisar o cotidiano por meio de conversação, pois vai além de uma questão ético metodológica, de um processo arbóreo, mecanizado. Baseado na conclusão de Larrosa (2003):

Organização:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e ao entrar nela, pode-se ir aonde não se havia previsto... e é essa a maravilha da conversa... que nela, pode-se chegar a dizer o que não se queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer...

E mais ainda, o valor de uma conversa não está no fato de que ao final se chegue ou não a um acordo... pelo contrário, uma conversa está cheia de diferenças e a arte da conversa consiste em sustentar a tensão entre as diferenças... mantendo-as e não as dissolvendo... e mantendo também as dúvidas, as perplexidades, as interrogações... e isso é o que a faz interessante... por isso uma conversa pode manter as diferenças até o final, porém cada vez mais afinadas, mais sensíveis, mais conscientes de si mesmas... por isso uma conversa não termina, simplesmente se interrompe... e muda para outra coisa (LARROSA, 2003, p. 212).

Tudo isso, tal como já lhes foi dito, tomando a caneta em riste para reescrever nossa história, nossa vida, enquanto professores alfabetizadores das classes populares brasileiras. Não para anunciar uma revolução, mas para relatar um ato epistêmico, que autoral, (re)nasce todo dia como revolucionário.

4- CONVERSAS PEQUENAS ENTRE ALFABETIZADORAS DA BAIXADA FLUMINENSE DO RIO DE JANEIRO, UM POUCO DO MUITO A SE (RE)VER.

Imerso na prática que investigo, abordo caminhos e experiências que me permitiram chegar até aqui. Desta forma, evidencio um recorte de tempo no qual tímida Aline chegou à Escola Municipal Orestes Bernardo Cabral. Em 2012 veio nos braços da cunhada, que naquele tempo também se encontrava lotada nesta unidade escolar e convocou a esposa do irmão para trabalhar aqui, onde via um lugar favorável ao trabalho docente.

Vieira, a quarta Aline, que hoje em 2024 é a única remanescente em nosso quadro (naquele tempo três professoras com o primeiro nome Aline trabalhavam na escola eram elas: Telles, Pestana, Menezes, e com a chegada de Aline, ela tornou-se a Vieira) recém concursada, tomou o espaço que lhe sobrou de uma carência real, um segundo ano do ciclo de alfabetização, já que não dispúnhamos de vaga na educação infantil, nicho onde atuava até então na rede particular.

Mas em nosso último conselho de classe de 2023, uma de suas falas me deu um indício de sua opinião acerca de sua prática, onde conclui ser interessante convidá-la a participar dessa conversa, com a professora Esther, cuja motivação eu irei logo em seguida explicitar.



Desculpa a falta de atenção pra iniciar minha fala gente, mas eu ainda acho estranho quando me chamam aqui de Aline. foram tantos anos de Vieira, Vieira, Vieira, que aqui quando me chama de Aline eu já estranho. até a vivi só me chama de vieira até hoje. Eu me lembro de quando eu cheguei aqui, o pessoal discutindo estratégia de alfabetização paralela e eu pensando, que livro que explicava isso. Não tinha visto isso em lugar nenhum na minha graduação.

Mas o que mais me chamou a atenção naquela turma, era como ela era cheia. Cheguei em casa e minha mãe perguntou como era a turma, e eu falei cheia. Minha mãe perguntou, cheia de que? No início aquilo me paralisou. Não respondi, fiquei calada. À noite, quando

Organização:



Fomento:





XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

Bruno chegou lá, nós ainda éramos noivos, ele perguntou e aí, como é a turma? Eu falei cheia. Já esperando uma resposta e ele disse: ah então é como a Vivi fala, você está cheia de oportunidade de ensinar.

Aquilo nunca mais saiu da minha cabeça.

Eu não entendi a história da raspadinha, achei que era aquela feita de gelo e saborizada. A Jéssica Hellen cantou a música e só aí que eu entendi o nível da coisa. Me peguei pensando em que música trazer. Aí me inverti, separei eles em grupo, e eles tinham de escolher e escrever uma música do seu melhor jeito.

Não podia ter música repetida no grupo e quem iniciasse a escrita primeiro, ficava com a música. 2022 foi tudo muito atípico, nosso retorno a plenos pulmões, e pra gente dá 103 foi o ano da música e eu acabo esse ano falando sobre Beethoven e sua surdez, numa turma de 32 que escolheram como cantor favorito o MC Cabelinho e cantora Ludmilla. É sempre assim desde que cheguei, onde eu vou parar não sei, mas quando vejo a sala, sempre penso, quantas oportunidades e quem me falou isso, foi meu marido - noivo na época.

Esther chega a nosso grupo em 2016 para realizar dar continuidade a uma dobra de carga horária que havia perdido pela ocorrência de chegada de uma professora de matrícula, na sua escola de origem. Feliz com nossa escola e proposta, a professora no ano seguinte pede transferência para o Orestes. Recentemente, uma de suas narrativas atravessou-me de tal forma que exponho aqui, enquanto narrativas de pensar, sentir e viver o fazer pedagógico.

Na época, foi uma fala dessa docente que de tão sincera e emotiva chamou a minha atenção, a ponto de ficar gravada na minha memória e compôs um indício de que uma conversa nesse sentido era fundamental para esta pesquisa.

Turmas cheias, turmas com diversidade, essa é uma realidade que a gente já conhece há bastante tempo no sistema de ensino, seja ele no todo, federal, estadual ou municipal. eu lembro quando eu comecei no magistério na rede pública a primeira turma foram cinquenta e quatro alunos - aqui uma leve pausa e respiração profunda. Alunos com sérios problemas de distorção de série-idade. Será sempre um desafio o professor se deparar com uma turma com minimamente vinte e cinco alunos. Assim eu acredito que ele pode tentar, digo tentar porque nem sempre vai dar certo. Agrupá-los por interesses, avanços e dificuldades. Sempre em movimento, pois a dupla que hoje se dá bem, amanhã pode não responder à atividade trazida. Eu acredito que assim, a gente consegue fazer do problema a solução, caminhando com o desenvolvimento do grupo, atendendo as demandas que surgem, especialmente no grupo. O diálogo, o entendimento, os acordos, a importância do porquê estar na escola. tudo precisa de debate no coletivo. Para estudar, porque eu devo estudar, porque é necessário dentro da sociedade você conseguir acessar o conhecimento. Qual conhecimento você deve ter. são questões que envolvem toda essa caminhada e por isso a gente precisa ouvir do aluno. Mas é dos alunos, no plural, pois são muitos. Assim cada um pode ajudar o outro, fazendo a corda mais forte.

Esther me confidenciou que a nossa escola, mesmo pequena, era muito cheia e nisso via uma oportunidade de trabalhar com os alunos muito mais coisas, por conta de nossa capacidade de organização pedagógica.

A ligação entre o grande número de alunos e posicionamento sugerindo/obrigando a ação docente com grupos heterogêneos e subsequentemente, a utilização destas diferenças, não como

Organização:



Apoio:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

difficuldade, mas sim como propulsores nas formas de monitorias, duplas produtivas, por exemplo, e atividades em que a cooperação auxilia o processo, parece uma subversão de intenções que só o cotidiano escolar é apto a elucidar. Uma mostra de como a escola insurge contra aquilo que politicamente lhe é imposto como positivo, mas que de fato, deveria lhe prejudicar.

Eu Aline considero essas turmas cheias e diversas um complicador do nosso trabalho. Não tô aqui pra monetizar ideal nenhum não, muito menos dizer que está tudo bem. É muito diferente um trabalho realizado quando você tem um quantitativo de alunos mais baixo.

Quando você tem um grupo de quinze alunos é uma coisa, agora quando você tem um grupo de quarenta, é uma coisa completamente diferente. Não é a questão da diversidade em si que dificulta, mas a quantidade dessa mistura que dificulta e muito o desenvolvimento do trabalho. eu acho que a questão da diferença contribui e muito para aprendizagem. Mas essa é uma conta difícil de fechar, pois como o professor sozinho em menos de quatro horas vai atender a tantas demandas específicas?

Só pra lembrar, a gente também tem a questão dos espaços, para circular, você precisa de uma sala ampla, para atender. E a gente vive algo bem diferente, onde se sentou, não levanta mais.

É exatamente sobre isso. Esse daqui já está lendo, esse daqui precisa de apoio, esse daqui ficou doente, aquele ali está triste porque o pai está preso. são uma enxurrada de fases e movimentos e tudo somado as expectativas e demandas do próprio professor, mora longe, está cansada, tem filho. Aí do nada, vem um documento que diz o que a professora deve ensinar, naquele tempo, naquele molde. Certeza de que vai dar ruim.

Perceba a sutileza amigos leitores que preciso salientar. Se de acordo com Leontiev (2010) a postura sociointeracionista entende que:

O desenvolvimento ontogenético do organismo, que se realiza num - processo de inter-relações com o meio é, afinal, a realização das suas propriedades específicas... Razão por que... Um estudo da interação do meio exterior e dos organismos que não leve em conta a própria natureza destes organismos, é uma abstração absolutamente legítima (LEONTIEV, 2010 p.60)

Permitir, favorecer, estreitar, tencionar relações é uma das possibilidades de fomento de espaços de criação, ou seja, um modelo de desenvolvimento de atividades que ligadas ao interesse favoreçam a aprendizagem.

Se o soviético Lev Semionovitch Vygotsky aponta a Zona de Desenvolvimento Proximal como o campo interpsicológico, constituído na/e pelas interações sociais em que os sujeitos se encontram envolvidos com problemas ou situações que remetam à confrontação de pontos de vista diferenciados. Como pensaríamos nós *alfadocentes* o espaço escolar sem esse viés, uma vez que é local de interações orientadas ao propósito alfabetizador libertário Freireano.

Quando duas pessoas estão partilhando ideias conseguem chegar um bom resultado pra aquilo que se procura. Eu gosto e acredito, nisso, afinal sou professora a muito tempo, alguma esperança eu tenho de ter nisso tudo.

eu já vi de um tudo, e entendo que quando se unem, seguramente vai haver algum problema, porém na mesma intensidade será a velocidade da resolução.

Organização:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024

Sendo a grande característica da Zona de Desenvolvimento Proximal a confrontação ativa e cooperativa de diferentes compreensões a respeito de uma dada situação é esperada que o resultado dessa interação, seja o desenvolvimento. Este a depender fundamentalmente, do contexto social e do nível de confiança dos sujeitos envolvidos quanto aos seus pontos de vista.

Mas que possibilidades seriam estas? Nas situações de processo ensino/aprendizagem, apontadas na conversa verificamos uma possibilidade: a intervenção dialógica consciente do professor.

É sua função organizar o espaço interativo (formando grupos compostos por indivíduos com diferentes níveis de conhecimento), apresentar problemas desafiadores e, fundamentalmente, promover as devolutivas e ou realizações de intervenções de ajuste para o alcance dos objetivos.



A grande questão é que com um grupo grande obviamente vamos falar de tempos e modos de aprendizagem diferentes. A gente se surpreende com cada história particular, vai correndo atrás de cada detalhe. Cada chamada de atenção que a gente dá, tem um objetivo. Sem contar que fazendo junto, um aluno movimenta o pensamento do outro. eles se auto deslocam. tem hora que precisa da gente pra garantir a ordem e o desenvolvimento da atividade, mas faz parte da rotina. quem nunca desafiou aquilo que lhe foi proposto de alguma forma? Agora o mais interessante de quando a gente trabalha em dupla, é que precisa estar atento para as perguntas que vamos fazer ou receber. As vezes a gente se organiza e antecipa, quando pedi que eles em dupla resolvessem um desafio matemático, que envolvia a multiplicação. E eu não havia percebido a possibilidade, mas nenhuma das duplas pensou em escrita ou algoritmo. Quase que de pronto a resposta em forma de pergunta era: Tia, a gente pode desenhar. eu respondi que sim, e eles o fizeram.¹ Quando aumenta o número de integrantes do grupo, a algazarra tende a ser maior, mas a criatividade também. Parece que o barulho acompanha a boa aprendizagem, acho que diferente daquelas turmas onde comecei, hoje agradece as badernas, o conhecimento vem desse caos.

Em seu relato, Esther explicita o quanto aprende e ensina na diferença. Eis então o pensamento de que uma sala cheia de alunos é sim uma sala cheia de oportunidades de aprendizado, não só para o aluno, como para o professor, que constrói sua prática voltada às necessidades do grupo.



É um desafio constante, pois cada educando tem suas peculiaridades. Inicialmente eu ficava quase louca tentando de qualquer maneira alcançar a todos, então fazia até três planejamentos de acordo com os níveis em que dividi a turma. Atualmente com o segundo ano, estou dando a mesma atividade para todos e atividades de reforço específico para os que não acompanham. O que só é possível, acompanhando-os bem de perto, o que dá muito trabalho. Melhor sonhar com aumento de salário e não de trabalho. Eu prefiro e tenho como referência o lúdico, pois acredito que facilita o entendimento e assimilação.

Como leite para chocolate, vemos que usar a desculpa política nada esfarrapada de que aprendemos em contextos sociais diversos, não compreende encher as salas de aula. Mas nesse

desafio, ainda que extremamente custoso, nós vemos uma justificativa para uma sala cheia de oportunidades.

Eu tive muita dificuldade com isso quando cheguei aqui. Tudo era novo, aqui era longe, quente, diferentes de tudo que eu já havia vivido profissionalmente. Era uma guerra. Eu dividia a sala e a professora da tarde. Ela já esta aqui tinha algum tempo e era uma pessoa bem querida de todos. Só que ela gostava de grupo. Eu não consegui trabalhar assim não. Tinha que ser uma cadeira atrás da outra, até pra que eu pudesse passar por toda a sala. À tarde, a Adelair juntava tudo novamente, de manhã quando eu chegava à sala estava limpa, mas as cadeiras todas coladas, lá ia eu separando tudo. A gente levou essa briguinha por um bom tempo. Viviane também me ajudava muito falando que eu iria me achar. Gente, eu me via muito assustada. Cada um num ponto de partida e eu completamente desconstruída de como andar com eles. Mas brigando por lugar. Nisso eu estava firme, carteira em fila. Não gosto de bagunça nem muita gritaria, mas sala de aula quieta, não é pra mim bom sinal, tem que ter barulho, riso, grito. Movimento. eu ando feito doida, mas eles aprendem com gosto e é isso que eu quero.

Nesta narrativa de Aline Vieira obtida na conversa entre ela e Esther, percebemos a teoria, alinhada à prática no espaço tempo de autoformação que a escola pública pode ser e de fato, vem sendo em certa medida.

5- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, NÃO FINAIS, MAS CONTINUATIVAS...

Nossas artesanias *alfadocentes*, que independente de ano de escolaridade, são planejadas, desenvolvidas e (re)orientadas quando e se necessário - no caso da alfabetização conforme acreditamos e expomos - concretizadas nessa dissertação, perfumam o mundo com nossa identidade. E, enquanto pesquisador eu gostaria de destacar a importância desta ação, inspirado por Sussekind (2012):

Entendendo, portanto, professores (e, claro alunos) como produtores de conhecimento e inventores de táticas de consumo de cultura, e claro, de currículos, nós como pesquisadores decidimos educar ouvidos e todos os sentidos (ALVES, 2001) para estar atentos tanto às vozes que se escondem nos uníssonos institucionais mas soam como polifonia (MARCUS, 1998) ao pesquisador quanto termos sabedoria suficiente para ouvir e compreender as muitas “camadas de vozes” (AOKI, 2004b) que se amontoam nas salas de aula. Acreditamos que fazendo pesquisa com os professores *nasdascom* as escolas temos alguma, mesmo que mínima, possibilidade de superar o Ego Cartesiano (FERRAÇO, 2003; SÜSSEKIND, 2010; AOKI, 2004c) e as dicotomias do paradigma científico que causam invisibilização e cegueira os nublando as práticas de emancipação social (SANTOS, 2000; SÜSSEKIND, 2010; OLIVEIRA, 2007). Sussekind (2012, p. 07)

Num sentido de demonstrar, quem somos e o que nós fazemos, respondendo, ou talvez apenas (re)existindo, aquela imposição que professor Libâneo me transpassou ainda no início de minha formação docente no ensino médio de que o fracasso escolar precisa ser derrotado.



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

Se e como o autor constata um fracasso existe mesmo, não me cabe dizer, ou tencionar aqui. O que aqui afirmamos sim, é que a escola se (re)faz diariamente, tentando. Sobre esse movimento, posso muito bem falar, categorizá-lo e assim, num ato contra colonial de desinvisibilização que nos é imposto: dialogar. Tomamos coletivamente a caneta e escrevemos nossos planejamentos.

Uma vez que, não existe um monólito epistêmico filosófico que rege a escola. Ela é um local de luta, de enfrentamento onde na guerra tudo pode acontecer. Se ela falha, ela também cria possibilidades. Isso não começou hoje, isso vem de antes, antes até da alfabetização no quintal da professora Doutora Maria Firmino dos Reis no Maranhão.

Referências:

Alves, Nilda. SOBRE MOVIMENTOS DAS PESQUISAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS. *Revista Teias*, 4(7), 8 pgs. (2007).

_____. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008a.

_____.; GARCIA, Regina Leite. O sentido da escola. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARONI, Patrícia, SANTOS, Ruthianne Barbosa Pereira dos. DIGNIDADE E CIDADANIA TECIDAS NO “NÓS COMPARTILHADO”: aprendizagens com mulheres pretas. *Revista Teias*, 22(especial), 48-

BARONI, P.; CONCEIÇÃO, D.G. REENCANTAMENTO DO MUNDO: criações curriculares enquanto novidades utópicas. *Revista Espaço do Currículo*, v. 16, n. 2, p. 1-8, 2023.

BARONI, P.; CONCEIÇÃO, D.G. CURRÍCULO, TÁTICAS, RESISTÊNCIAS: maneiras de fazer de estudantes egressos negros em tempos de regulação autoritária. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13, n. 3, p. 446-462, 2020.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. *Educ. Soc.*, Campinas, vol 28, n.98, p 42-72, jan/abr 2007.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. IN: *Escrivência : a escrita de nós : reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020*

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

Organização:



Apoio:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024



XI Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares
VI Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa Currículo e
Práticas Educativas
IV Simpósio da Região Nordeste sobre Currículo

"CRIAÇÕES DOCENTES E REIVENÇÕES CURRICULARES: escritas com outros mundos possíveis"

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" IN *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

GOMES, Nilma, Lino. *O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

JESUS, Carolina, Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiências*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidad y modernidad-racionalidad*. In: PALERMO, Zulma.; QUINTERO, Pablo. (orgs.). *Aníbal Quijano: textos de fundación*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2014. pp. 60-70.

SÜSSEKIND; M. L. *O ineditismo dos estudos nos/dos/com os cotidianos: Currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública no Rio de Janeiro, Brasil*. IN: *Revista e-curriculum*, São Paulo, v.8 n.2 Agosto, 2012.



Organização:



Fomento:



João Pessoa - Paraíba, 25, 26 e 27 de setembro de 2024